

Cartografia para uma ilha sem fronteiras

Rodrigo Blum

Resenha de Paulo Cesar Endo, *Psicanálise: Confins – Memória, política e sujeitos sem direitos*, São Paulo, Blucher, 2022, 478 p.

E tu para que queres um barco, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou quando finalmente se deu por instalado, com sofrível comodidade, na cadeira da mulher da limpeza, Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura, Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida, A quem ouviste tu falar dela, perguntou o rei, agora mais sério, A ninguém, Nesse caso, por que teimas em dizer que ela existe, Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida, E vieste aqui para me pedires um barco, Sim, vim aqui para pedir-te um barco, E tu quem és, para que eu to dê, E tu quem és, para que não mo dê, Sou o rei desse reino, e os barcos do reino pertencem-me todos, Mais lhes pertencerás tu a eles do que eles a ti, Que queres dizer, perguntou o rei inquieto, Que tu, sem eles, és nada, e que eles, sem ti, poderão sempre navegar, Às minhas ordens, com meus pilotos e os meus marinheiros, Não te peço marinheiros nem piloto, só te peço um barco, E essa ilha desconhecida, se a encontrares, será para mim, A ti, rei, só te interessam as ilhas conhecidas, Também me interessam as desconhecidas quando deixam de o ser, Talvez esta não se deixe de o ser, Então não te dou o barco, Darás.¹

Paulo Endo nos convida a navegar rumo aos confins da Psicanálise. Sentados ao seu lado, em um barco cunhado no seio maciço de um pau-brasil, seremos então conduzidos por rios, mares e oceanos onde pouco a pouco ilhas conhecidas, escondidas ou recusadas serão revisitadas. Ilhas

conhecidas sim! Terrivelmente conhecidas ou se preferirmos, traumáticamente devastadas ou abandonadas. Mas o que será que fará com que nosso barqueiro ao sair a procura de uma ilha desconhecida se encontre com ilhas conhecidas? Ou ainda, será que o rei não estaria certo ao dizer que já não há mais ilhas desconhecidas?

Antes de sairmos em busca dos Confins será necessário nos certificarmos dos instrumentos e fundamentos básicos para tal aventura. Nessa, que será um mergulho pelas profundidades de mares tão densos e complexos, a Psicanálise será a bússola.

Sairemos de um continente onde não somos mais contemporâneos e o tempo não nos aglutina desde que o tempo de morte de uns se tornou o tempo de exultação e júbilo de outros. Continente este onde a ordem dos tempos continua sendo um continente marcado pela herança escravagista, pelas feridas abertas de um bandeirantismo fundamentalista, ou ainda, pela incontinência de um torturador eterno.

Ao longo de toda viagem seguiremos as rotas que Paulo nos apresenta rumo ao descobrimento. Curiosamente, assim como Freud, na busca pelas Índias, encontraremos as Américas. Será no continente sul-americano que o tempo do traumático se fará mais presente e atual. Passar em revista o traumatizado corpo dos colonizados à luz da violência autoritária de seus colonizadores evidencia o mal de séculos de uma prática abusadora. Uma herança transmitida por gerações, enraizada no seio de uma cultura e recusada no campo coletivo e subjetivo. Será, portanto, o leito da repetição e a ilha da denegação, o porto mais inseguro de nossa história. Memória e esquecimento se misturam em um oceano de profundas misérias em que a sociedade, como um corpo, por décadas será traumatizada.

O inconsciente, terceiro e grandioso golpe ao narcisismo do todo poderoso senhor da consciência, nos trará o mais importante norte para essa busca pela ilha desconhecida que a Psicanálise nos oferece: Confins. Será pela delicadeza e sensibilidade da escuta analítica que acompanharemos

Paulo Endo nos meandros de um sujeito atravessado pelas marcas de uma formação sem direitos e por alhures direitos sem sujeitos. Somente uma escuta pautada por uma psicanálise aberta aos confins e aos infinitos modos de subjetivação poderá nos conduzir por mares turbulentos de uma sociedade privatizada, um sujeito imaculado, um futuro sem origem; com a devida acuidade do sinistro.

A dor da vergonha faria existir, então, os que não estão mais aqui, ao mesmo tempo como inscrição psíquica e histórica penosa, fazendo-se marca viva e paradoxal no corpo e no psiquismo dos que sobreviveram. A vergonha, essa marca tão fundamental na constituição de sujeito, será então um último sentimento decorrente da reconstrução de uma ética “forjada das ruínas das experiências liminares, onde quase tudo soçobra no sem sentido e onde todo sentido é absorvido pela pulsão de sobrevivência e os imperativos da necessidade.” (p.148). “Uma ressurgência da ética em meio ao esvaziamento ativo e à nadificação” (p.148), nos diria Paulo Endo em uma passagem importantíssima junto aos Confins do sentimento humano mais terrível chamado tortura.

Vergonha de um congresso que em nome da família, da moral, das crenças religiosas e da política nefasta dos pequenos narcisismos, destampa as vísceras dos tempos autoritários de país sem memória. De um país que ficará exposto ao mais profundo e abjeto poder da perversidade e amargará por anos um estado de opressão. Vergonha confessa, ímpar e que anseia escandalosamente pelo não esquecimento daqueles que não aceitaram, nem por um instante, conviver com o aviltamento imposto. É neste mar sem fim que embarcamos para uma busca incansável da defesa de uma jovem ilha conhecida: a ilha da democracia. Nunca imaginamos que essa tão sonhada conquista, após anos de ditadura civil militar, se mostrasse tão frágil e ameaçada por antigos

piratas. Novamente lançaremos mão do leme que Paulo Endo nos elucida e diz: “Uma ‘imersão completa no passado traumático’ aponta para um processo de retomada do marco zero da significação imposto pelo trauma onde algo permaneceu quieto e escuro. Algo que gera a mais absoluta ignorância e impossibilidade e que, talvez, por isso, insiste em despertar, abrir-se em perspectiva ou arrastar o eu à bancarrota.” (p.56)

É essa a face envergonhada que autoriza e obriga sujeitos a sair das quarentenas para as ruas em defesa do estado de direito e da democracia com um continente institucional. A ilha desconhecida, como disse nosso barqueiro ao rei, não é propriedade do rei, até porque o rei só conhece as ilhas conhecidas, as ilhas desconhecidas são desconhecidas por que são propriedades a serem descobertas. A democracia não pertence ao rei, ao rei só cabe a monarquia; ao tirano, o fascismo, mesmo assim somente quando seus súditos estão aos seus pés; aos sujeitos o direito ao barco da liberdade é incontestante.

A ilha da democracia não é certamente uma ilha desconhecida, mas a defesa permanente dessa jovem conquista não é completamente conhecida. Memória, política e sujeitos sem direitos não passam de frágeis territórios nas mãos perversas do esquecimento, do horror arbitrário dos torturadores, e sobretudo, da ganância predatória dos colonizadores. A ilha desconhecida da democracia só poderá ser preservada pela ilha conhecida de seus sujeitos desconhecidos.

“À Psicanálise cabe uma responsabilidade especial nessa tarefa. O que ouvimos e vemos na clínica cotidiana não é propriamente o evento violento, mas suas repercussões, sequelas e restos. A escuta analítica desvela o que ainda é inaudível aquilo que, muitas vezes, o analisando ainda não pode dizer a si, não pode escutar de si. Uma proibição que envergonha e maltrata o eu e que permanece ferindo e fazendo estragos. Trata-se também de acompanhar a luta de sujeitos na quietude e no isolamento, o esforço de singularização que insiste naqueles que combatem a própria dor; aquela que perdura para além da consciência, para além da vontade, frequentemente no

1 Saramago J. O Conto da Ilha Desconhecida. p.15.

Rodrigo Blum é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor do Curso Conflito e Sintoma do ISS.

escuro e no silêncio. Luta singular e solitária que, se não pode ser delegada a ninguém, também não deve ser relegada ao íntimo, ao privado, como lugar secreto onde se escondem as vergonhas. Encontrar essa dupla via singular e coletiva, tem se evidenciado como forma necessária para o ultrapassamento das violações em todos os níveis, a partir de sua afirmação e admissão de sua complexidade. Aprendemos com Blanchot, presente no trabalho psicanalítico com todas as formas do traumático: para aquele que foi atravessado, de algum modo, pela violência, a linguagem se impõe como tarefa.” (p.247)

Psicanálise: Confins é muito mais que uma coletânea de artigos produzidos e publicados por Paulo Endo ao longo dos últimos 10 anos. Como nos adianta o autor em seu prólogo, esse trabalho representa com fidelidade seu mais profundo e verdadeiro compromisso com a psicanálise, seus confins. Ao longo de um percurso primoroso e uma escrita cativante, memória, política e sujeitos sem direitos se encontram com as inúmeras faces de um país traumatizado, com uma clínica contemporânea e delicada, com a liberdade do sonhar e com um projeto de democracia sincero. *Psicanálise: confins* é muito mais que um livro, trata-se de um tratado fiel ao mais elevado grau de uma experiência vivida e transmitida por Paulo Endo ao longo destes inúmeros artigos que compõem a sua obra e, sobretudo, sua pesquisa clínica e acadêmica. Se ao sair com o barco rumo a ilha desconhecida por mares atlânticos, abandonamos o reinado de Portugal, ao final dessa longa e profunda jornada aos confins da psicanálise, sempre guiados por esse barqueiro cuidadoso e corajoso,

chegamos aos sertões inconscientes de um Brasil profundo, retratado assim na imensidão de João Guimarães Rosa em um breve trecho de seu conto *A terceira margem do rio*:

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.²

O livro pode ser baixado gratuitamente no link: <https://www.blucher.com.br/psicanalise-confins>

Referências

- Rosa J. G. (1994) “A terceira margem do rio”. In: *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar
- Saramago J. (1998) *O conto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras

2 Rosa J. G. “A terceira margem do rio”. *Ficção completa: volume II*. p. 409-413.